



AS REPRESENTAÇÕES AFRICANAS EM FILMES PÓS-COLONIAIS PRODUZIDOS FORA DO CONTINENTE AFRICANO

Gabriel Felipe Silva Bem¹

Resumo

O presente trabalho analisa filmes que não são africanos, mas são ambientados no continente e foram produzidos depois das descolonizações. A partir do conceito de “episteme colonial” de Valentin-Yves Mudimbe, que diz respeito a equívocos na representação da África em fontes europeias, esse trabalho pretende perceber em que medida a episteme colonial permanece nas obras cinematográficas. O resultado foi o encontro de novas características e de aspecto das representações que permaneceram do período colonial, além de características em comum entre os filmes, que foram organizados em três grupos de representação: a da violência, a da tutela e o do exótico.

Palavras-chave: África. Cinema. Representações.

Introdução

A África é muito mais que uma localização geografia, é também um lugar no imaginário social interno e externo, que veio a construir as mais variadas identidades e discursos, que por sua vez constroem, como o continente será entendido pelos diferentes povos. Sendo a África um discurso, ou vários discursos, resta buscar entender melhor o que está sendo dito. Esse trabalho pretende, portanto, compreender como alguns discursos estão sendo trabalhados nas representações africanas em filmes produzidos fora do continente.

Trabalhar a África como um discurso, quer dizer entender que ela faz parte de uma construção social imaginativa, imprecisa e a partir de seleção e exclusão de elementos. Edward Said escreve que “O Oriente era uma invenção europeia”², no sentido que toda ordem de definições e características que vieram a se tornar um

¹ Graduando da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gabriel.f.bem@hotmail.com

² SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

discurso dominante e passaram a definir o oriente, foi criado na Europa. O mesmo pode ser dito sobre a África. O discurso criado na Europa sobre o que é a África se torna dominante, sendo que pouco importa se ela contém elementos verdadeiros ou não, uma vez que ela cria a verdade no imaginário social.

Durante muitos séculos, o continente Africano atravessa o imaginário Europeu e de outros povos, sendo representado de diferentes formas, passando por uma terra rica, como o caso do Sudão medieval³, ou como uma terra de selvageria que corrompia os homens, como no livro *O Coração das Trevas*⁴. Essas representações dizem muito pouco do que de fato é a África, uma vez que, elas foram construídas fora do continente e por pessoas estrangeiras, as representações dizendo mais a respeito das pessoas que as constroem. As representações são equivocadas em vários sentidos, como será discutido mais a frente, elas são produtos do discurso dominante, que materializa toda a estrutura de pensamentos discursiva para criar a representação.

Michel Foucault⁵, trabalha o conceito episteme como uma ordem, que regem a linguagem, esquemas perceptivos, trocas, técnicas, valores e práticas de uma cultura. Todo membro de uma cultura estaria condicionado a uma ordem construída internamente, sendo que, quando existe um encontro de culturas, a visão de um sobre o outro também estaria condicionada. Mudimbe⁶ usa o conceito de episteme para explicar como os europeus tinham uma mentalidade condicionada pela sua cultura, aplicando seus padrões, ordens e representações a para África, causando uma visão deturpada do real. Para isso, o autor deu o nome de episteme colonial. A episteme é um dos principais elementos do discurso, e a episteme colonial é o elemento que possibilitou que o discurso europeu tivesse lastro para legitimar a dominação.

O discurso europeu, acerca da África, formou-se durante séculos. O livro "História Geral da África" foi uma tentativa de fazer um contraponto, mas também mostra como o discurso foi se formando. Ki-Zerbo organizador da coleção, escreve na introdução:

"Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que

3 M'BOKOLO, Elikia. África Negra História e Civilizações. São Paulo: Edufba/ Casa das áfricas, 2009.

4 CONRAD, Joseph. O coração das trevas. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004.

5 FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

6 MUDIMBE, Valentin-Yves. A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Luanda, Mangualde (Portugal): Edições Mulemba, Edições Pedagogo, 2013.

acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos”⁷.

Seguindo a linha dos estudos pós-coloniais, Pratt⁸ analisa os relatos de viajantes em “Os Olhos do império”, demonstrando que o imperialismo não era algo apenas político e econômico, mas era uma estrutura mental. A autora mostra que os relatos, através de códigos discursivos, acabam por legitimar a expansão europeia. A mentalidade imperialista que a autora descreve, não é a mesma coisa que a episteme colonial, sendo que, esse último, é um quadro mais amplo, onde a mentalidade imperial acaba por ser um dos elementos.

Podemos encarar os filmes estrangeiros sobre a África como uma versão mais tecnológica dos relatos de viagens, posto que eles têm o mesmo público alvo, pessoas que não habitam o local representado, e detém um olhar estrangeiro em suas obras. Os diretores e produtores não são iguais aos agentes que Ki-Zerbo cita, os filmes não carregam exatamente a mesma visão que Pratt encontra nos relatos, muito menos são legítimos representantes da episteme colonial, uma vez que os filmes analisados aqui são produzidos depois da descolonização. Entretanto é possível pensar que as representações cinematográficas carregam grandes permanências da época estudada por esses autores.

Os filmes são fontes muito distintas, no que diz respeito ao sensível, já que o audiovisual se distingue de outras artes, causando no público uma experiência única. Para análise dos filmes como fonte histórica, é preciso ter como pressuposto, que todo filme carrega uma ideologia, mesmo que ela não esteja explícita⁹.

De forma geral, através dos levantamentos feitos, é possível perceber três grupos de representações da África nos filmes:

O primeiro grupo é do exotismo, em que a África é vista como sendo um reduto selvagem, que é a antítese do civilizado mundo europeu e norte americano. Algumas vezes esse exotismo é visto como positivo ou então como algo que deve ser dominado, destaca-se nesse grupo uma grande participação de animações, que colocam a África como um lugar de fantasia. São exemplos: A sombra e a escuridão¹⁰

7 KI-ZERBO, Joseph. (Org.). História geral da África. V. 8 Brasília: UNESCO, 2011.

8 PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

9 FERRO, Marc. Cinema e História. Tradução Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

10 A SOMBRA E A ESCURIDÃO. Produção de Gale Anne Hurd e direção de Stephen Hopkins. EUA: Constellation films e Paramount Picture Corporation. 1996 1 DVD (109 min) son. color. Legendado. Port.

(1996), Tarzan¹¹ (1999), Madagascar¹² (2005), A Massai Branca¹³ (2005) e O Rei Leão¹⁴ (1994).

O segundo é a representação da violência, que é quando o africano é representado como uma vítima de um processo ou como um vilão guiado pelo instinto de violência, seja uma guerra, seja um massacre. O sofrimento dos envolvidos e a luta pela sobrevivência são o foco dos filmes, sendo as vítimas, quase sempre, salvas por um agente externo. Exemplos desses filmes são: O último Rei da Escócia¹⁵ (2006), Beasts of No Nation¹⁶ (2015), Hotel Ruanda¹⁷ (2004), O Senhor das Armas¹⁸ (2005) e Reportes de Guerra¹⁹ (2011).

O terceiro grupo é o da tutela, em que uma comunidade nativa é guiada por um agente externo, que na verdade é o grande herói, onde muitas vezes luta para trazer melhores condições ao grupo nativo. Os inimigos não são só os contrários ao projeto, mas, principalmente, a própria ordem dos nativos que tende a desviá-los do melhor caminho, que é seguir o líder externo. São exemplos desses filmes: Lawrence da Arábia²⁰ (1962), Diamante de Sangue²¹ (2006), Um Grito de Liberdade²² (1987), Redenção²³ (2013) e Mister Pip²⁴ (2012).

11 TARZAN. Produção de Bonnie Arnold e direção de Chris Buck e Kevin Lima. EUA: Walt Disney Pictures e Edgar Rice Burroughs Inc. 1999, 1 DVD (88 min) son. color. Legendado. Port.

12 MADAGASCAR. Produção Mireille Soria e direção Eric Darnell Tom McGrath. EUA: Dreamworks Animation SKG. 2005, 1 DVD (86 min) son. color. Legendado. Port.

13 A MASSAI BRANCA. Produção de Günter Rohrbach e direção de Hermine Huntgeburth. Alemanha: Constantin Film e Europa Filmes. 2005, 1 DVD (132 min) son. color. Legendado. Port.

14 O REI LEÃO. Produção de Don Hahn e direção: Roger Allers Rob Minkoff. EUA: Walt Disney home entertainment, 1994, 1 DVD (89 min) son. color. Legendado. Port.

15 O ÚLTIMO REI DA ESCÓCIA. Produção de Lisa Bryer, Andrea Calderwood e Charles Steel e direção de Kevin Macdonald. Reino Unido: Fox Searchlight Pictures, Dna Films e Filmfour, 2006. 1 DVD (122 min) son. color. Legendado. Port.

16 BEAST OF NO NATION. Produção de Amy Kaufman, Riva Marker e Daniela Taplin Lundberg e direção de Cary Fukunaga. EUA: Red Crown Productions, Primary Productions, Parliament of Owls e Netflix, 2015, Plataforma digital (137 min). son. color. Legendado. Port.

17 HOTEL RUANDA. Produção de Terry George e direção de Terry George. Reino unido, África do sul, Itália: United Artists e Lions Gate Entretimento. 2004, 1 DVD (121 Min) son. color. Legendado. Port.

18 O SENHOR DAS ARMAS. Produção de Andrew Niccol, Chris Roberts, Nicolas Cage e direção de Andrew Niccol. EUA: Entertainment manufactures Company e Alpha Fimes 2005, 1 DVD (123 min). son. color. Legendado. Port.

19 REPÓRTERES DE GUERRA. Produção de Foundry Films e Out of Africa Entertamente e direção de Steve Silver. Canadá E África do sul: Entertainment One, Instintive Film e Paris Filmes, 2011, DVD (106 min). son. color. Legendado. Port.

20 LAWRENCE DA ARÁBIA. Produção de David Lean e direção de David Lean. Reino unido e Eua: Colimbia Pictures, 1962, 1 DVD (216 min). son. color. Legendado. Port.

21 DIAMANTE DE SANGUE. Produção de Marshall Herskovitz, Graham King, Paula Weinstei e Edward Zwick e direção de Edward Zwick. EUA: Warner Bros Picture. 2006, 1 DVD (134 min). son. color. Legendado. Port.

22 UM GRITO DE LIBERDADE. Produção de Richard Attenborough e direção de Richard Attenborough. Reino Unido: Universal Pictures. 1987, 1 DVD (157 min). son. color. Legendado. Port.

23 REDENÇÃO. Produção de Marc Forster e direção de Marc Forster. EUA: Playarte. 2013, 1 DVD (129 min) son. color. Legendado. Port.

Os grupos não são categorias fechadas em si, sendo que alguns filmes contêm características das demais, isso confirma que são esses elementos os mais predominantes nas representações. Existe um fator ideológico que faz a África não ser um local para comédias românticas e ser um local de barbáries, por exemplo, esse motivo tem ligações com antigas relações de poder, hierarquias sociais e violências. Como se dá a ação desse fator ideológico nas obras cinematográficas é o que se pretende perceber nesse estudo.

Para destrincharmos melhor as representações, três filmes serão analisados mais atentamente, sendo um de cada categoria. Os filmes foram escolhidos através de levantamento, que levou a constatação de que eles possuem todas as características comuns de cada categoria.

Representação do exótico: A Sombra e a Escuridão

O exotismo é um elemento muito antigo da episteme colonial, podendo ser percebido em vários relatos e romances a respeito da África. O exótico, para os europeus, é aquilo que não faz parte de uma cultura urbana e industrializada, sendo considerado atrasado ou até mesmo primitivo, podendo causar tanto repulsa, quanto fetiche daqueles que desejam dominar o diferente, ou até mesmo inspiração daqueles que almejam aventuras. Como é caso de John Patterson, protagonista do filme *A Sombra e a Escuridão*, que é representado como alguém que amava a África, mesmo nunca tendo estado lá. O filme, que é baseado em fatos reais, conta a história da construção de uma ponte no Quênia no fim do século XIX, sendo Patterson o engenheiro chefe. Durante a construção uma sequência de ataque de leões matam centenas de trabalhadores, então Patterson assume a responsabilidade de matar os leões. O filme é, na verdade, a história de uma grande caçada e de heroísmo do caçador.

O exotismo está presente em todo o filme, em cenas que são só planos de fundo, como animais em suas vidas selvagens ou com o povo Massai com suas danças e roupas típicas, mas também na história principal. Um europeu disposto a domar toda a selvageria africana, caçando feras e levando o progresso através da ferrovia, tudo isso enquanto usa roupas incrivelmente brancas, que se destacam em meio ao cenário. O filme é, por tanto uma representação equivocada, tanto da Europa

24 MISTER PIP. Produção de Dean Vanech e Andrew Adamson e direção de Andrew Adamson. Austrália, Papua-nova guiné, Nova Zelândia: Olympus Pictures, Eyeworks Touchdown e Daydreon Productions. 2012, 1 DVD (114 min). son. color. Legendado. Port.

quanto da África, mas o que fica claro é a existência de uma hierarquia entre os mundos.

O que chama a atenção é o filme de 1996 não trazer nenhuma grande crítica ao projeto colonial, ela pode ser percebida, de maneira tímida, em alguns diálogos irônico dos personagens, mas em nenhum momento as condições de trabalho dos funcionários da ferrovia são questionadas, ou mesmo a legitimidade do domínio europeu. O fato de não ter uma crítica significativa aponta para um motivo óbvio, o filme não pretende questionar os projetos europeus. Pelo contrário, mostrando a África como um lugar de selvageria, misticismo e barbárie, enquanto o protagonista europeu é educado, honesto e limpo, o filme acaba por legitimar o projeto. A Sombra e a Escuridão, talvez seja uma representação da legitimidade imperialista que permaneceu até o fim do século XX, representação esta que, insiste em colocar uma hierarquia entre os povos.

Representação da violência: Beast of no Nation

Em 2015 o serviço online de streaming, Netflix, começa a lançar filmes originais. A plataforma que revolucionou o jeito de ver filmes, escolheu como seu primeiro lançamento, uma produção estadunidense independente, *Beast of no Nation*, baseado no livro do nigeriano Uzodinma Iweala. O filme se distingui do cinema padrão de Hollywood, devido tratar-se de um lançamento em uma plataforma mundial, o filme não mira exclusivamente o público americano, o que traz significativas consequências em seu roteiro, como o não uso do idioma inglês em boa parte do filme.

O filme conta a história de uma criança chamada Agu, ou a destruição de Agu como um ser humano, na medida em que a guerra destrói tudo que lhe dava humanidade. Primeiramente sua família é morta pelas tropas oficiais. No decorrer da história, seus valores são destruídos, quando ele é recrutado pelos rebeldes e obrigado a matar. Por fim, a sua identidade é esquecida ao longo da guerra para dar lugar ao soldado. Na guerra, que não é identificada por um local ou data, Agu é a vítima de um sistema perverso que se projeta, ora na figura dos soldados oficiais, ora na figura dos líderes rebeldes. *Beast of no Nation* não é um filme de guerra clássico, protagonizado por heróis incorruptíveis que lutam por um ideal maior, no filme não existem nem heróis, nem ideais. Talvez esse seja o retrato mais fiel da guerra, mas o filme não é uma alegoria de todas as guerras, e sim das guerras africanas. Ou seja,

nas matanças áfricas, ao contrário das matanças brancas, não existem heróis ou ideais, apenas vítimas e vilões.

O filme acaba por apresentar elementos que são comuns na episteme colonial, principalmente a ideia de que os povos africanos são incapazes de gerir a si mesmo, sendo incapazes de formar sociedades modernas. O único caminho seria a barbárie, como o nome do filme sugere, os personagens são bestas sem nação. O filme, com certeza, não reproduz integralmente o racismo científico ou as ideias de Georges Cuvier²⁵, mas talvez uma leitura moderna dessas teorias. O que vemos na tela são seres humanos iguais a todos os outros, mas com a particularidade de terem se se tornados bestas, a história de Agu é a irreversível e a irremediável história de como os seres humanos se tornam bestas.

O filme não parece carregar um determinismo racial, mas sim um determinismo social, já que tudo no meio social se desenrolou para jogar Agu e tantas outras pessoas naquela condição de sub-humanos. Não importa o que Agu ou outras pessoas tentassem fazer, nada poderia impedir o seu destino. A estrutura social e a lógica da guerra corromperia a humanidade de todos.

Uma breve comparação com outro filme americano de guerra, nos ajuda a entender como a representação da violência coloca os africanos em uma posição inferior. No Resgate do Soldado Ryan (1998), os soldados unidos em torno de uma nobre missão humanista de resgate, enfrentam tudo e se sacrificam para cumprir a missão e honrar a pátria. A violência e a barbárie estão presentes nos dois filmes, mas no Resgate do Soldado Ryan, existem heróis, uma missão, uma honra, um ideal, uma pátria e principalmente humanidade na guerra. Enquanto que em *Beast of no Nation* não existe nada disso, muito menos humanidade. Essa representação mostra que, mesmo durante a barbárie existe uma clara hierarquia entre povos.

Representação da tutela: Lawrence da Arábia

O filme *Lawrence da Arábia*, é baseado na história real de Lawrence, que foi um oficial inglês que em terras egípcias e na Península Arábica, liderou rebeldes árabes contra o Império Turco. O épico, de produção inglesa, ganhou vários prêmios e

²⁵ Os estudos de Georges Cuvier chegaram à conclusão de que existiria diferenças biológicas entre as raças que determinariam a sua capacidade de desenvolvimento cognitivo e social. Esse assunto e outros relacionados ao racismo são discutidos em POLIAKOV, Léon. O mito ariano: ensaios sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

foi considerado um dos melhores filmes já feitos até então. O filme foi lançado em 1962, quando ainda se desenrola o processo de independência na África e disputas entre países islâmicos e o estado de Israel, fatos estes que influenciaram a narrativa do filme, que faz uma representação dos árabes como povos atrasados e tribais.

No filme, os povos beduínos, que são povos islâmicos, eram organizados quando estavam sob o comando de Lawrence, apesar das dificuldades que eles mesmos traziam para o sucesso da missão. Como quando um soldado foi condenado por roubar de um grupo étnico diferente do seu, gerando um conflito interno entre os soldados, que só foi resolvido pela interferência de Lawrence. O projeto dos rebeldes era formar uma liga árabe, que seria independente tanto dos turcos, quanto dos ingleses. No entanto o projeto falha quando os árabes não conseguem administrar serviços básicos da cidade conquistada e nem resolver conflitos internos, fazendo o sonho de Lawrence fracassar.

O filme expõe certa crítica ao sistema colonial, colocando Lawrence como opositor aos oficiais em vários momentos, principalmente em questões raciais, mas acaba também por legitimá-lo, na medida em que a única saída que o rei dos beduínos encontra para manter a ordem, é um acordo com os ingleses, em que esses controlariam toda a infraestrutura da cidade.

A representação da tutela no filme, carrega alguns elementos da mentalidade imperialista, como a ideia de que os povos deveriam ser guiados por europeus para conseguirem se tornar sociedades modernas. Lawrence não consegue isso, por culpa dos próprios nativos. A falha e a persistência faziam parte do fardo do homem branco, como mostra o poema de Joseph Rudyard Kipling:

Tomai o fardo do Homem Branco
As guerras selvagens pela paz
Enchei a boca dos famintos,
E proclamai o cessar das doenças
E quando o vosso objetivo estiver próximo (O fim que todos
procuram)
Assisti a indolência e loucura pagã Levai toda sua esperança ao

nada.²⁶

Quando Lawrence sai desiludido, os oficiais ingleses assumem a penosa e lucrativa missão.

²⁶ KIPLING, Joseph Rudyard. O Fardo do Homem Branco. Disponível em: <http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/imperialismo/>. Acessado em 26/10/2016

Conclusão

Nem toda obra cinematográfica externa reproduz a mentalidade imperialista e as representações da episteme colonial. Algumas tentam romper com esse estigma, acrescentando novos elementos. Como é o caso do filme *Os Mestre Loucos*(1955), que tenta mostrar o ponto de vista do nativo. Realizado pelo etnólogo francês Jean Roch, apresenta um processo de apropriação cultural de figuras europeias nos ritos de possessão, trazendo elementos para pensar como a colonização e a urbanização dos territórios foi sentida e apropriada pelos povos nativos.

O processo de permanências e de transformações culturais que é mostrado no filme, pode ajudar a pensar as atuais representações africanas nos filmes também como um processo de permanências e transformações. Marshall Sahlins,²⁷ foi um dos autores que se debruçou sobre a questão das transformações culturais, mostrando que, mesmo diante de grandes transformações, como a chegada dos europeus na América, o quadro cultural dos nativos não foi alterado por total, sendo um processo que mesclava a tradição com os novos fatos sociais e culturais, sendo um processo de permanência, apropriação e adaptação. No filme, aqueles que participam do rito de possessão, são possuídos por agentes coloniais, como o general e o governador. A tradição (ritos de possessão) e o fator de transformação (A chegada de agentes coloniais) são mesclados e adaptados à realidade atual, criando assim algo novo.

Ao longo do século XX, as teorias que acreditavam em diferenças cognitivas e hierarquizava os povos, como o darwinismo social e racialismo científico, foram sendo derrubadas. Teorias e movimentos de afirmações áfricas, como o movimento literário negritude e o pan-africanismo, movimento de união africana, tiraram a legitimidade dos impérios, ao mesmo tempo em que lhe davam uma imagem de injustos, violentos e opressores, por fim, as descolonizações fizeram cair o sistema imperialista de domínio direto. Esses fatos novos, que surgiam da própria África ou da sua diáspora, causaram uma mudança cultural em todo mundo. Com efeito, as representações africanas foram transformadas, mas com grandes permanências, como as mostradas nos filmes analisados.

Uma primeira modificação é a crítica ao sistema colonial, que aparece de maneira tímida, quase uma mea-culpa dos resultados, nos três filmes. Um segundo ponto é a humanização definitiva. Os africanos, nos três filmes, são representados como seres humanos, dotados de inteligência, consciência e sentimentos, podem ser

27 SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

seres humanos exóticos, destruídos pela violência ou ainda de natureza incontrolável, mas em última instância são seres humanos. A permanência mais evidente é a hierarquização dos povos, que está presente em todos os filmes.

As últimas palavras do narrador no *Os Mestres Loucos*, são as seguintes:

Ao ver estes rostos alegres, ao saber que esses homens são, talvez, os melhores operários da equipe *Water-Works*, ao comparar esses rostos com os rostos horríveis da véspera, não se pode deixar de perguntar se estes homens da África não conhecem certos remédios que lhes permitem não serem anormais, mas sim viverem perfeitamente integrados no seu meio. Remédios que nós ainda não conhecemos.²⁸

É muito provável que o espectador europeu se espantou com as cenas mostradas no filme, mas o diretor teve a sensibilidade de explicar que os rituais não são anormais dentro daquela cultura, sendo que os verdadeiros anormais, são os próprios europeus. Talvez as representações africanas nos filmes, insistam em manter elementos imperialistas, porque ainda não foram capazes de encontrar os remédios que Roch fala, que seriam capazes de trazer uma melhor compressão da realidade africana, através de uma maior empatia. Talvez esses remédios nunca sejam achados.

28 OS MESTRES LOUCOS. Produção de Pierre Braudgerger e direção de Jean Roch., França: Films de la Pleiade, 1955. 16mm (36min) son. color. Legendado. Port.